



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2022: SIC - XXXIV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2022
<b>Local</b>	Campus Centro - UFRGS
<b>Título</b>	As derivas patológicas da imaginação no Leviatã de Thomas Hobbes
<b>Autor</b>	GABRIELA ROPPA DOS SANTOS
<b>Orientador</b>	WLADIMIR BARRETO LISBOA

A pesquisa pretendeu analisar a influência da imaginação popular e suas patologias como modos de desestabilizar a República segundo Thomas Hobbes. A imaginação é definida pelo autor, nos primeiros capítulos do *Leviatã*, como uma “sensação em declínio” que está presente nos homens estando despertos ou adormecidos. Logo, se mesmo despertos acreditamos ver criaturas imaginárias — que normalmente aparecem nos sonhos — há o que Hobbes chama de “ilusão”. Tal confusão na distinção entre sonhos e outras sensações tem sua origem na religião dos gentios, que pregava a adoração de seres místicos, objetivando com isso, segundo Hobbes, a crença da população em rituais religiosos de cunho irracional. A partir disso, o autor constata que a República estaria posta em risco se tais ilusões atingissem o imaginário de uma vasta população, fazendo com que esta não mais temesse o soberano ou até mesmo a morte, substituindo assim medos racionais — que formam a base da República —, por medos irracionais, como o medo de espíritos e seres invisíveis. Assim, objetivando a preservação do Estado civil, Hobbes volta sua atenção ao imaginário popular (suas opiniões, crenças e paixões), concluindo, portanto, que é necessário haver uma reforma de tal imaginário. Essa reforma deve ocorrer por meio de um retorno à racionalidade, visto que os princípios racionais são ensináveis, compartilháveis e passíveis de influenciar as paixões, diversamente das Escrituras, cheias de mistérios inexplicáveis e milagres sobrenaturais.